

Ao observar as costas daquela pessoa, Chu Guang sentiu uma pontada de tristeza.— Algumas pessoas podem até estar vivas, mas não têm diferença nenhuma dos abutres e hienas lá fora. Ele já tinha visto com seus próprios olhos uma hiena mutante morder o pescoço de um companheiro ferido e dividir sua carne. Na época, não pensou muito, achando que era só a lei da natureza. Mas agora, de certa forma, ele conseguia entender aquela cena.— Eu só saí por alguns dias, e essas pessoas já estão se preparando para agir... Por trás de Chu Guang, Yu Xiaoyu ainda estava ali. Ela esperava que, se ficasse mais um pouco, talvez ganhasse daquele doce gostoso que provou outro dia. Nunca tinha comido nada tão saboroso na vida — quase mastigou o palitinho de plástico junto. Notando aqueles olhos grandes fixos nele, Chu Guang estranhou no começo, mas logo entendeu. Com um sorriso, tirou do bolso um pirulito esquecido e colocou na mãozinha da menina.— Obrigado pela ajuda esses dias.— Nada disso! — Xiaoyu abriu rapidamente o plástico, enfiando o pirulito na boca e falando enrolado. — De qualquer jeito, não tinha mais nada pra fazer. Posso ficar de olho pra você sempre que sair. Nesse momento, os homens da família Yu voltavam da direção do ferro-velho, carregando os troféus da caça. Dava pra ver pelas trouxas abarrotadas que a colheita tinha sido boa. Ao ver o irmão mais velho, o segundo irmão e o pai, Xiaoyu se esgueirou rapidamente de volta para casa. Ganhar doces era apenas um bico. Ficar de olho no forasteiro era o que os mais velhos haviam ordenado, e ela não esquecia. Mas por mais rápida que fosse, não era páreo para os olhos de caçador experiente. O patriarca da família Yu — um homem robusto, com rugas marcantes no rosto — lançou um olhar para Chu Guang, mas não disse nada, entrando em casa com o filho mais velho, que carregava dois sacos de trigo verde. Já o segundo filho, Yu Hu, parou diante de Chu Guang. Chu Guang o reconhecia. Diferente da maioria naquela vila, que o ignoravam, aquele jovem de uns dezoito, dezenove anos, era um dos poucos que conversavam com ele. Claro, ele era direto ao ponto, tão impulsivo quanto o "Hu" (tigre) em seu nome.— Sumiu esses dias. Até pensei que você tinha morrido. Chu Guang deu uma risadinha.— Parece que o seu palpite não é lá essas coisas. Yu Hu arregalou os olhos, esfregando a cabeça com um sorriso. Esse forasteiro era engraçado — sempre falava de um jeito diferente, dando voltas nas palavras. Sem se importar, continuou:— Preciso te avisar. O prefeito emitiu uma ordem de mobilização. Cada família tem que entregar cem quilos de lenha e dois metros de peles até o fim do mês. A família Yu, com três homens adultos, precisava entregar trezentos quilos de lenha e seis metros de peles — uma das maiores contribuintes de Bate Rua. A lenha era de boa: a região era cheia de vegetação, e ao norte havia florestas densas. Mesmo sem a ordem, eles já cortariam madeira para o inverno. Mas as peles eram outro problema: seis metros significavam matar quatro, talvez cinco hienas mutantes.— Já soube quando voltei.— Ótimo. — Yu Hu foi direto. — A gente tava combinando com a família Li de caçar na floresta ao norte. Dizem que tem vestígios de uma manada de veados. Se a gente pegar uns dois, dá pra levar pele e carne junto. Quer vir?— Melhor não, vou me virar — recusou Chu Guang com educação, mas anotou mentalmente. Os catadores de Bate Rua indo para o norte... O Lago Linghu ficava ao noroeste. Tomara que não se encontrassem. Sem saber o que ele pensava, Yu Hu achou que era timidez e insistiu:— Dá pra ver que você é capaz. Mas por melhor que seja, tem limite. O moleque da família Wang só te enche o saco porque tem mais gente.— Olha, minha irmã faz idade pra casar ano que vem. Por que você não fica com ela? Aí viramos família.— Se tiver pressa, dá pra fazer a festa hoje mesmo. Chu Guang quase engasgou.— Nem pensar.— O quê? Como o assunto tinha chegado nisso? Além do mais, a idade "adequada" para os sobreviventes era algo que Chu Guang, vindo de uma sociedade civilizada, não aceitaria. Ele ainda era jovem demais para pensar em casamento.— Tá bom. — Yu Hu desistiu, desapontado. Pessoas dos abrigos eram inteligentes — como o velho Charlie, que trabalhava para o prefeito desde que ele se entendia por gente, um homem importante na vila. Se Charlie disse que Chu Guang vinha de um abrigo, devia ser verdade. Se tivesse um filho com Xiaoyu, talvez a família Yu também ganhasse um "homem importante". Ele até já tinha preparado um discurso para convencer o pai. Mas parece que foi ilusão sua. Ao chegar em casa carregando os pertences, Yu Hu puxou a irmã:— Xiaoyu, e se você casasse com o Chu Guang? Ela, com o pirulito na boca, murmurou:— Pode ser. Ficaria perto de casa, então não mudaria muita coisa. Casamento, para ela, era só trocar de lugar para dormir — quem sabe ainda ganharia mais doces. Yu Hu, que já tinha

desistido, animou-se:— Então vou tentar convencer ele de novo!— Tá. — Xiaoyu respondeu distraída, só interessada no pirulito.Yu Hu, porém, já fazia planos:— Eu falo com o pai e o irmão mais velho. Mas não fica aí parada, vai aprender com a mãe a fazer pão... O que é que você tá comendo? Me dá um pouco.— Não! — Assim que o irmão tentou pegar o doce, Xiaoyu esquivou-se como um gato, sumindo no mesmo instante.[Capítulo 16 - O jeito de jogar um sandbox]No Parque Úmido do Lago Linghu, em frente ao sanatório abandonado, estavam fincados troncos de madeira de vários tamanhos.— Ouvi dizer que madeira recém-cortada racha e deforma se não for tratada — disse Lao Bai, apoiado no machado e franzindo a testa ao observar as toras empilhadas de qualquer jeito perto da parede.— Como normalmente se faz esse tratamento? — perguntou Fang Chang.— Secar a umidade da madeira no fogo ou passar tinta nas pontas e deixar secar naturalmente — explicou Lao Bai. — Também dá pra mergulhar na água, mas fica mais difícil de trabalhar depois... Tomara que não chova nos próximos dias.Lao Bai fez um cálculo rápido. Somando o trabalho de ontem, havia madeira suficiente para cortar toras de 3 a 4 metros, afiar as pontas e cravar no chão, cercando completamente os lados norte e oeste do sanatório. Mas como a madeira não estava tratada, não duraria muito — algumas chuvas e já começaria a apodrecer. Depois de discutir com Fang Chang, decidiram mudar de estratégia: usariam cimento como material de construção. Nas terras devastadas, havia montes de entulho de concreto, inclusive dentro do próprio sanatório. Com o tempo, a ação do clima e a expansão térmica haviam transformado a maioria desses blocos em cacos. Não dava pra contar com a qualidade do material, mas misturando esses fragmentos com cimento e reforçando com barras de aço recuperadas das ruínas, daria pra erguer uma estrutura defensiva simples. Seriam obras porcas, mas ainda assim melhores que madeira. Afinal, não estavam planejando construir um arranha-céu. O problema era que, para usar o entulho, precisavam primeiro do cimento. E para produzir cimento, necessitavam de carvão em quantidade e um forno que aguentasse 1450°C. Foi nesse momento que Kuangfeng e Yè Shí voltaram. Fang Chang notou que Kuangfeng carregava um balde plástico cheio de uma lama de textura uniforme. — Tem um rio a leste do Lago Linghu que não está no mapa — disse Kuangfeng. — Deve ter se formado nos últimos duzentos anos. Mapeamos toda a margem leste até o sul, marcando as áreas com criaturas mutantes e possíveis ninhos. Ele pediu a Yè Shí que mostrasse o mapa, onde haviam feito marcações com carvão. Com ele, ficaria mais seguro buscar água no lago. Mas Fang Chang estava mais interessado no balde. — Isso aí é...?— Achei na beira do rio — respondeu Kuangfeng, deixando o balde no chão. — Pensei que poderia servir como material de construção, então trouxe. — Isso não serve, a água lavaria tudo — disse Lao Bai, agachando-se para pegar um pouco da lama com os dedos. Seu rosto iluminou-se de repente. — Mas é perfeito pra outra coisa! Já temos solução para o forno!— Forno? — Yè Shí pareceu confuso. — Eu e Lao Bai decidimos produzir cimento — explicou Fang Chang. Kuangfeng olhou para ele, surpreso. — Isso... vai funcionar? — Claro que vai! Isso aqui é um jogo de mundo aberto, não é? — disse Lao Bai, levantando-se animado. — Deixem a lama aqui. Vocês dois, tragam mais baldes. Fang Chang, ajude-me a juntar galhos. Vamos rápido!— Pode deixar! — Fang Chang partiu cheio de energia. Kuangfeng e Yè Shí trocaram olhares perplexos, mas também saíram em missão. [...]O rio era raso, mas havia bastante lama nas margens, e como ficava perto do sanatório, logo conseguiram trazer vários baldes cheios. Lao Bai moldou a lama em um círculo, fez dois buracos laterais para ventilação e colocou dentro carvão e folhas secas que sobraram da fogueira, acendendo com os fósforos que o Administrador deixara. O fogo logo começou a arder.